



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000 – SP - SP
Tel.: (11) 3085-4066 – Fax: 3088-8213 – E-mail: ee@edu.usp.br
C.P. 5751 - CEP 01061-970 – São Paulo – SP - Brasil

1. Identificação: Giovanna Mariah Orlandi

Enfermeira mestranda no PPGE da EEUSP. E-mail: gmorlandi@usp.br

2. Data e local: 11 de Abril de 2014, São Paulo.

3. Título: Castro MG. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre líderes do sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador. Estudos feministas. 1992; (0/92): 57-73.

4. Unitermos: Categorias sociais (não está no DeCS), Gênero; Etnicidade.

5. Corpo da resenha:

5.1. Resumo da obra:

A autora inicia o texto dizendo que, para Barrett e Hamilton, sujeitos políticos são, neste contexto, mulheres que escolheram fazer parte de um projeto comum de mudança de uma identidade social imposta como referência.

Este texto tem como foco as trabalhadoras domésticas que, como sujeitos políticos, buscam o reconhecimento como membros da classe trabalhadora e de cidadania construídos a partir da vivência sobre questões de gênero, raça, geração e classe.

Logo, a autora explica o uso da metáfora de alquimia por meio da fala de Frater (1976) que o alquimista combina diferentes tipos de metais para a produção de um metal superior através do princípio de que todos possuem uma prima matéria em comum. A alquimia das categorias sociais está presente na construção de subjetividades, que seriam referidas como específicas segundo gênero, geração e etnicidade resultando em um perfil próprio de sujeitos políticos que são “pautados por práticas sociais e projetos específicos” (p. 61).

As categorias sociais (raça, gênero e geração) possuem em comum o fato de serem “atributos naturais com significados políticos, culturais e econômicos, organizados por hierarquias, privilégios e desigualdades” (p. 59).

As domésticas sindicalistas destacam que “o fazer-se sujeito de classe (trabalhadora doméstica sindicalizada) é um obstáculo pelos códigos, quer do sistema de geração (sindicato seria lugar de mulher mais velha), quer do sistema de gênero (as relações afetivas entre homem e mulher levariam as empregadas domésticas a se afastarem do sindicato,

principalmente as mais jovens), quer, enfim, por códigos do sistema de raças (as trabalhadoras domésticas não se sindicalizariam porque o trabalho doméstico remunerado é menosprezado socialmente como trabalho de negro)” (p. 62).

O texto separa a realidade dessas trabalhadoras domésticas, negras e sindicalizadas dentro da visão de cada categoria social: geração, raça, gênero e classe.

Dentro da categoria social geração, as líderes do serviço doméstico são, em média, mais velhas. Elas relatam a dificuldade em trazer as mais jovens para o ambiente do sindicato pelo próprio pré-conceito de que o sindicato é lugar para “mulheres mais velhas, daquelas que não tem marido ou das que não são amadas” além de acreditarem na mobilidade social. Realmente, as líderes sindicais não são casadas, porém isso não quer dizer que elas vivam só para o sindicato. Muitas são mães solteiras e precisam conciliar as atividades sindicais com as atividades cotidianas como mãe de família, mostrando que ter uma família não é barreira para a participação no sindicato.

Em relação à categoria raça, ao serem questionadas sobre a cor da pele apresentaram respostas variadas. As líderes sindicais que também participam do Movimento Negro Unificado se diziam ser da “raça negra”, as outras integrantes se diziam desde “muito escura” ou “preta”. As mulheres que seriam consideradas pardas pelas estatísticas oficiais se referem como “morena”, “clarinha” ou “sou branca (...) essa corzinha que tá aqui é do sol” (p. 65). Isso mostra que o autorrespeito sobre a raça possui influência dos princípios difundidos pelo movimento negro.

Em gênero, há uma influencia muito grande da vida familiar na infância e do pai. O texto mostra a influência da divisão sexual do trabalho (o pai trabalhava e a mãe ficava em casa cuidando da casa), sendo a figura masculina sempre autoritária e detentora do poder de decisão na família, dando sempre privilégios aos filhos homens. Elas não demonstram sentir a presença de desigualdade dentro da família e, sim, referem-se a estes privilégios como uma forma de proteção. Quando são questionadas sobre o movimento feminista dizem respeitarem o movimento e que são ajudadas em algumas situações por ele. A maioria das empregadas domésticas são mulheres, porém algumas dizem que as ideias do sindicato das trabalhadoras domésticas não são compatíveis com as das feministas. Algumas entrevistas relatam se identificarem mais com o movimento negro e as ajuda muito.

Em relação à categoria social classe, as sindicalistas entrevistadas defendem que “as empregadas domésticas são membros da classe trabalhadora não por adscrição à sua procedência familiar, e sim porque o seu trabalho tem um valor social e estaria pautado por

relações similares a outros trabalhos produtivos” (p. 68). As domésticas sindicalizadas trazem que a relação patrão-empregada deve ser mudada com o reconhecimento da importância do trabalho doméstico para a sociedade e a conquista do respeito e dignidade desta profissão.

A realidade posta no texto não é diferente das empregadas domésticas da América Latina, diz a autora, apresentando “migração, exploração do trabalho infantil, humilhação (...), racismo, falta de respeito social para com o seu trabalho, falta de alternativas educacionais e de oportunidades de emprego e a socialização para desempenhar os trabalhos domésticos como sendo um destino natural de mulher pobre” (p. 70). Por isto, é comum as empregadas domésticas terem vergonha da sua profissão. Entretanto, as empregadas sindicalizadas tentam romper estes estigmas e pensamentos lutando por um bem coletivo com a melhoria das condições de trabalho das domésticas.

Comentários do resenhista:

O texto é antigo, porém o tema ainda se encontra atual, assim com os problemas enfrentados pelas empregadas domésticas. A autora aborda o tema de uma maneira envolvente, porém, poderia transmitir aos poucos o conceito de alquimia das categorias sociais para que o leitor tentasse definir suas próprias conclusões antes da autora esclarecer o significado da metáfora.

Intertexto:

5.2. Leituras anteriores que possibilitaram a compreensão do texto:

- Egry EY. Saúde Coletiva: construindo um novo método em enfermagem. São Paulo: Ícone. 1996.
- Fonseca RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. PROENF- Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2008, v. 3, p. 9-39.

5.3. Próximas leituras para aprofundar o conhecimento sobre o tema:

- Meyer DE. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. Revista Brasileira de Enfermagem. 2004; 57 (1), jan/fev.
- Castro MG. Políticas Públicas por Identidades e de Ações Afirmativas. Acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. São Paulo, Fórum Mundial de Educação, 2004.

6. Apreciação Geral:

O texto é complexo e utiliza a visão da determinação social do processo saúde doença, fundamentada no materialismo histórico e dialético, como base para as discussões. Para a compreensão clara é necessário que o leitor tenha conhecimento destes fundamentos para em compreender o motivo e importância das categorias sociais de gênero, geração e etnia para a construção dos sujeitos políticos.